

REDES DE CUIDADO E REDES DE CRIAÇÃO

CRISTINA T. RIBAS

Há alguns anos venho construindo experiências coletivas de improvisação teatral ou performática¹, e venho desenvolvendo algumas destas oficinas com perspectiva feminista, espaços nos quais se pode politizar os cuidados² e o trabalho reprodutivo, intervir sobre opressão de gênero, produzir saúde mental e física, discutir normotividades de sexualidade e gênero, falar abertamente sobre os impasses do cuidado, gerar uma escuta das infâncias, e conectar-nos de maneira intergeracional e interracial. Assim como para brincar, rir, re-contar, revisitar emoções, encontrar o desejo, e — evidentemente — descansar. As experiências de improvisação teatral que organizo se inscrevem tanto no âmbito da pesquisa (“pesquisa em ato”) como da realização artística, como prática artística, sempre em grupo, sempre coletiva. A maternidade, realizada em mim através da experiência direta de gestar, parir e cuidar, e também por optar em alguns momentos não ter filhos (gestações interrompidas) é um dos elementos propulsores desses experimentos coletivos, que trazem para acontecimento temas dos quais raramente se ocupam sujeitos masculinos ou os saberes acadêmicos.

O que experimentamos no âmbito das improvisações, tal como falar sem dizer palavras, repetir os gestos do corpo num dispêndio sem resultado, dançar à revelia de ter música, amamentar (de fato) em uma cena — são cenas que atiram com a demanda que classifica nossas corpos a todo o tempo entre a produtividade e a improdutividade. Quando performamos vamos de encontro aos afetos numa produção de ritmos diversos (Ribas, 2019). Tensionando aquele pressuposto do teatro (ver-se e ser visto na ação) damos visibilidade distinta àquilo que está encoberto, inacessível ou não valorizado. Nesse jogo estético, abrimos espaço para a produção de subjetividade na partilha coletiva, em que o agenciamento dos afetos já se liberou do próprio e do privado. Se é possível criar redes para o improviso, para criar e cuidar, se pode também friccionar o fato de que criar e cuidar estão ambos pautados ... na potência do improviso.

¹ A oficina “Redes de cuidado, redes de criação”, aconteceu no Despina, Rio de Janeiro. Participaram 25 pessoas, entre mulheres, pessoas não binárias e alguns homens. A oficina “Vocabulários políticos: clínica da política” foi realizada no *Espacio de Arte Contemporáneo* (EAC), em Montevideo, Uruguai, 2019. Participaram 10 mulheres. A oficina “Improvisação coletiva como método de pesquisa” foi oferecida como curso de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizada em 2023 no espaço feminista auto-gestionado Fora da Asa, em Porto Alegre, RS. A experiência mais recente propunha analisar três crises contemporâneas: a crise dos cuidados, a crise da individualidade e a crise da esfera pública. Se inscreveram 25 mulheres, mesmo que não houvesse qualquer especificação quanto à gênero para participar da oficina.

² “O cuidado é uma ferramenta política para ser reclamada eticamente e sem inocência” (Puig de La Bellacasa, 2023, p. xx).

Cartografia das relações de cuidado

Coloque seu nome em um lugar do papel (algumas pessoas gostam do centro, ou as vezes quem conduz sugere colocar no centro... eu acho legal ver onde as pessoas colocam na real).

Coletivamente vamos conversar sobre que categorias de relação gostaríamos de mapear junto e ao redor dos cuidados, ou seja, que outras relações estão também atreladas às relações de cuidado. Podemos estabelecer com uma mesma pessoa mais de uma relação, que passa por mais de um aspecto, emoção, energia, fluxo. Essa cartografia pode ser feita no presente (relações atuais) ou em relação a um período específico. Cada uma das relações pode ser representada por uma cor de canetinha ou por um desenho específico (pontilhado, serrilhado, sinuoso, ondinhas... entre muitos). O grupo pode convencionar ou não as linhas.

Agora cada um vai se dedicar a desenhar sua própria cartografia, colocando os nomes das pessoas (ou criando pseudônimos) de quem gostaria de mapear. Isso pode levar de dez a 30 minutos.

Novas categorias podem ser criadas, se o grupo estiver de comum acordo.

Depois de acabar o mapeamento, o grupo pode compartilhar suas cartografias narrando o processo, as escolhas, a forma como vê cada relação de cuidado.

Materiais:

Canetinhas, canetas, lápis e uma folha de papel por participante.

afetiva
amorosa
financeira
suporte ou apoio emocional
amizade
sexual
aprendizagem
co-aprendizagem
colaboração
co-criação
compartilhamento
(de... estrutura, recursos, saberes)

...

...

Proposta feita também com base na prática de Manuela Zechner (em *Nanopolitics, a handbook*, 2016), partilhada e atualizada nos termos de código aberto (sem *copyrights*).



Oficina *Redes de cuidado redes de criação*, Despina, Rio de Janeiro, 2018
Foto: Ivana Monteiro



Oficina *Redes de cuidado redes de criação*, Despina, Rio de Janeiro, 2018
Foto: Autora



Oficina *Vocabulários políticos: clínica da política*, EAC Espacio de Arte Contemporáneo, Montevideo, 2019
Foto: Autora



Oficina *Vocabulários políticos: clínica da política*, EAC Espaço de Arte Contemporâneo, Montevideo, 2019



Oficina *Vocabulários políticos: clínica da política*, EAC Espaço de Arte Contemporâneo, Montevideo, 2019





Oficina/curso de extensão *A improvisação coletiva como método de pesquisa*, Jogo de improvisação com três grupos distintos. Fotos: Autora. Espaço Fora da Asa, Porto Alegre, RS, 2023

REFERÊNCIAS

- PUIG DE LA BELLACASA, Maria. O pensamento disruptivo do cuidado. *Anuário Antropológico*, v. 48, n. 1, p. 108-133, 2023.
- RIBAS, Cristina T. Rimana..., ritmanali..., ritmanalizações vo-ca-bu-lo-políticas. *Revista Arte Contexto (Verbetes da Arte)*, v. 6, n. 15, 2019.

Recebido em 31 de janeiro de 2024.
Aprovado em 30 de maio de 2024.
Revista Mundaú, 2024, n 15, p. 242 -251.